

Caros Espectadores,

Devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do festival sofrerá algumas alterações. Pedimos a compreensão de todos para a necessidade de cumprimento de todas as normas.

- 1 – Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Devirão pois esperar no exterior a abertura de portas.
- 2 – Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
- 3 – Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
- 4 – Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
- 5 – Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
- 6 – O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
- 7 – A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



37.º FESTIVAL de almada

03-26 de JULHO 2020



Imagem: Pedro Prouença

UM MARIDO IDEAL
(Lisboa, Portugal)

O criado

De **Robin Maugham**
Adaptação e encenação de **André Murraças**

Incrível Almadense

Salão de Festas (Almada)

Sáb. **25** e Dom. **26** (sessões às 15h, 18h e 21h30)

Duração: 1h

Classificação etária: M/12

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

ENCENAÇÃO, REALIZAÇÃO, ADAPTAÇÃO DO TEXTO E CENOGRAFIA

André Murraças

VÍDEO

Miguel Leitão

INTERPRETAÇÃO

André Murraças

(em palco)

Anabela Brígida

André Patrício

Vanda Cerejo

Henrique de Carvalho

Isabel Milhanas Machado

Nuno Gonçalo Rodrigues

(em vídeo)

PRODUÇÃO

Um Marido Ideal

UM LIVRO, UM FILME, UMA PEÇA OU UM ROLE PLAY?

Este espectáculo é sobre lutas. A luta entre o criado que entra na casa e aos poucos troca de papel com o dono da mansão. Ao mesmo tempo é sobre a luta desse desgovernado lorde para se manter no cimo perante uma fortíssima atracção pelo abismo. É sobre a luta do autor em escrever a novela que queria e como queria, com todas as denúncias sociais e políticas, com sexualidades nebulosas, mas uma luta perdida pois o texto original foi escrito em 1948, publicado apenas em 1954 e adaptado ao cinema quase sem pudor por Loosey/Pinter em 1963. É também a luta do actor Dirk Bogarde, que viria a ser o protagonista do filme e que com essa escolha continuaria um caminho com escolhas pessoais que tiveram consequências brutais para a sua carreira, mas mantendo sempre a sua integridade. Finalmente, é uma luta pessoal pegar numa novela, num guião de um filme e numa vida, e transformá-los num espectáculo de teatro que me (nos) dissesse alguma coisa. Este criado continua actual. Continuamos a lutar todos os dias.

Conheci *O criado* através do filme. Era adolescente e o filme impressionou-me pela sua maldade. (Quem era o mau aqui?) Lembro-me que retive não só a decadência das personagens mas a maneira como era filmada, com planos que na altura me mostraram que havia outra maneira de dizer as coisas. O criado que se olha num espelho côncavo, as escadas que pareciam flores trepadeiras, luzes que iluminavam vindas de baixo e demais ângulos num carregado preto e branco marcaram-me a memória. Só anos mais tarde, quando pensei adaptar o filme, descobri o livro. E o livro é ainda pior. Ou melhor, ainda melhor. Curto, com a descrição suficiente para se imaginar o resto, relata a história de forma contida, o que se torna inquietante. Queremos saber mais. Tudo.

Falemos então desta história de um homem chantageado pelo próprio criado. Dentro de um apartamento, a relação de poder entre criado e senhor é questionada e torcida, invertida, sendo neste espectáculo reduzida a acções. E as acções vão dizer mais do que as palavras. E é aqui que o teatro terá algo a dizer. Pedi a um grupo de amigos actores que fossem meus patrões (ou será o oposto?), donos da cena com o texto que eles lêem, e que me deixassem ser o seu servo. No final logo se vê quem ganha. Com o teatro conseguimos sublinhar a artificialidade dos papéis sociais, a teatralidade da sua representação, e aflorar a submissão, a frustração sexual, as classes, o desejo e o dinheiro num jogo *upstairs/downstairs* virado do avesso, onde o cinema se torna real e somos todos actores e espectadores. *Voyeurs* de nós mesmos. Quem manda nisto tudo?

André Murraças